

MATERIALISMO E IDEALISMO EM “SEMÂNTICA E DISCURSO”, DE MICHEL PÊCHEUX

Helson Flávio da Silva Sobrinho¹

Resumo: Este artigo versa sobre as concepções de Materialismo e de Idealismo no livro “Semântica e Discurso”, de Michel Pêcheux. O objetivo é rastrear nesta grande obra como este professor-filósofo-cientista-militante toma posição crítica contra o idealismo em Linguística, Semântica e Filosofia e se inscreve na perspectiva do materialismo histórico e dialético para compreender o funcionamento da linguagem, especificamente o discurso, a produção de sentidos e a constituição do sujeito. Trata-se de uma pesquisa centrada no livro “Semântica e Discurso”, a retomar um percurso que dialoga com Frege, Lênin, Althusser, Marx e Engels. Como resultado, evidencia-se a posição deliberada de Pêcheux em favor do materialismo histórico e dialético como fundamento teórico, filosófico e político, a partir do qual ele define a AD como uma Teoria Materialista do Discurso.

Palavras-chave: Semântica e Discurso. Materialismo. Idealismo. Michel Pêcheux.

MATERIALISM AND IDEALISM IN “LANGUAGE, SEMANTICS AND IDEOLOGY” BY MICHEL PÊCHEUX

Abstract: This article discusses the notions of Materialism and Idealism in Michel Pêcheux's book “Language, Semantics and Ideology”. The aim is to trace in this seminal book how the professor-philosopher-scientist-militant adopts a critical stance against idealism in Linguistics, Semantics, and Philosophy, and how he positions himself within the perspective of historical and dialectical materialism to understand the functioning of language, specifically, discourse, the production of meaning, and the constitution of the subject. This study is centered on the book “Language, Semantics and Ideology” revisiting a theoretical path that dialogues with Frege, Lenin, Althusser, Marx, and Engels. The results highlight Pêcheux's deliberate commitment to historical and dialectical materialism as a theoretical, philosophical, and political foundation on which he defines Discourse Analysis (DA) as a Materialist Theory of Discourse.

Keywords: Language. Semantics and Ideology. Materialism. Idealism. Michel Pêcheux.

¹ Professor e pesquisador da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutor em Letras e Linguística na área de Análise do Discurso (AD) pela UFAL e pós-doutor em Linguística pela Unicamp. E-mail: helsonf@gmail.com

Introdução: Pêcheux e a virada materialista da linguagem

“Como devemos, então, conceber a intervenção da filosofia materialista no domínio da ciência linguística?” (Pêcheux, 1988, p. 89).

“O sistema da *língua* é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo *discurso*” (Pêcheux, 1988, p. 91).

O livro *Les vérités de la Palice: linguistique, sémantique, philosophie* [1975] – traduzido para o Brasil como “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio” – é considerado por grande parte dos(as) analistas de discurso como a obra mais avançada deste professor-filósofo-cientista-militante². Segundo Maldidier (2003, p. 37): “*Semântica e Discurso* é o grande livro de Michel Pêcheux. Ele apresenta o estado mais acabado da teoria”³.

Podemos dizer que este livro, que em 2025 comemora cinquenta anos, provocou e ainda provoca impacto na área dos estudos da linguagem e nas ciências humanas em geral. Especialmente porque subverte as compreensões idealistas sobre a linguagem, o sujeito e a produção de conhecimento, reposicionando-as na perspectiva do materialismo histórico. Trata-se de um livro polêmico e subversivo porque

2 Silva Sobrinho (2018a).

3 Ainda segundo Maldidier (2003, p. 44): “O título em forma de enigma irreverente – em francês, *Les Vérités de la Palice*, onde M. de la Palice é invocado como ‘patrono dos semanticistas’! – marca uma diferença com os textos anteriores [...]. Um verdadeiro livro, onde o desenvolvimento do pensamento encontra a escrita. O subtítulo especifica: ‘Linguística, semântica, filosofia’. Ele evoca o espaço no qual Michel Pêcheux trabalha desde muito tempo; mas um terceiro termo se juntou aos primeiros: a filosofia. Esta intervenção dá uma figura própria ao livro, cujo destinatário é interpelado como ‘linguista inquieto de filosofia’ [...]. Uma obra forte de um filósofo inquieto com a linguística”.

vai à raiz das contradições que se expressam na imbricação contraditória da materialidade da linguagem (discurso e produção de sentidos), da materialidade do sujeito (de sua constituição enquanto tal) e da materialidade da história (enquanto processo dinâmico e contraditório). Conforme Maldidier (2003, p. 45): “O discurso é a figura central do livro. Ele liga todos os fios: da linguística e da história, do sujeito e da ideologia, da ciência e da política”.

Pêcheux, nesse livro, faz o seguinte questionamento: “Como devemos, então, conceber a intervenção da filosofia materialista no domínio da ciência linguística?” (Pêcheux, 1988, p. 89). Para responder a essa polêmica ela traça um caminho fincado no materialismo histórico e dialético, especialmente, problematizando a Semântica enquanto ponto nodal das contradições em Linguística, cuja existência tem a ver com a filosofia e a ciência das formações sociais (materialismo histórico). Nessa direção, faz um mergulho pela História e assevera que é preciso compreendê-la “na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se pode chamar de as ‘práticas linguísticas’ inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de uma formação econômica e social dada” (Pêcheux, 1988, p. 24).

Como já dissemos em outro momento (Silva Sobrinho, 2016), Pêcheux, em “Semântica e Discurso”, traça uma trajetória de reflexão na qual assume uma firme posição científica e política, ou seja, teórico-prática no que diz respeito à ideologia, à produção de conhecimento científico e à prática política revolucionária do proletariado. A nosso ver:

A magnitude da articulação dessas questões revela as preocupações sócio-históricas da Análise do Discurso (AD) naquela conjuntura, mas, também, aponta para os desafios, limites e possibilidades que vivenciamos hoje, diante dos processos discursivos em sua contraditoriedade, na sociedade capitalista (Silva Sobrinho, 2016, p. 90).

Tendo em vista esta leitura, propomos, no presente texto, fazer uma síntese teórico-prática sobre como se dão as disputas filosóficas entre idealismo e materialismo na obra “Semântica e Discurso” (ver Silva Sobrinho, 2005; 2016; 2017; 2018a; 2018b; 2019; 2023), visando lançar luzes sobre os trajetos de interpretação que contribuam para a compreensão materialista da linguagem (discurso) enquanto práxis sócio-histórica que medeia as relações dos sujeitos entre si (constituídos pela ideologia e afetados pelo inconsciente) e destes sujeitos em suas relações com a natureza⁴.

A Análise do Discurso pecheutiana se constitui como uma teoria materialista da linguagem, indissociável da tradição marxista. Daí propormos pensar o discurso e o sujeito na concretude da vida material, pois, como diz Zandwais (2009, p. 27), “[...] é o campo da prática concreta, da experiência, do vivido, que determina como o real precisa ser representado e significado como discurso”.

Frege na leitura materialista de Pêcheux⁵

“O único defeito da lucidez de Frege, o limite de seu materialismo, por assim dizer, é que, como já assinalamos, ao criticar as teses subjetivistas, ele apela às ciências e às ‘instituições’ (direito, religião, moral etc.), confundindo-as” (Pêcheux, 1988, p. 71).

Em “Semântica e Discurso”, Michel Pêcheux faz um trajeto que passa pela linguística, pela lógica e pela filosofia da linguagem, em

⁴ Segundo Orlandi (2020, p. 13): “A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e a da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana”.

⁵ Para maior aprofundamento, o(a) leitor(a) pode conferir o artigo de Silva Sobrinho (2018b).

direção à constituição da **Teoria Materialista do Discurso**. Neste percurso, convoca as reflexões de Gottlob Frege (lógico-matemático alemão) para fundamentar sua crítica materialista às evidências do sujeito e do sentido presentes na linguística tradicional, especificamente na Semântica. Pêcheux utiliza elementos da lógica fregeana para problematizar a oposição entre objetividade e subjetividade, logicismo e subjetivismo, e faz isso situando o debate na disputa entre as perspectivas filosóficas do idealismo e do materialismo.

Pêcheux retoma Frege porque a crítica que este estabelece ao psicologismo rompe com a ideia de que o pensamento deriva da consciência individual. Frege, ao distinguir representação subjetiva e pensamento objetivo, afirma que o pensamento não pertence ao “mundo interior”, por isso assume uma posição antipsicologista que abre espaço para pensar o sujeito não como fonte/origem do sentido, senão como efeito de condições exteriores. Segundo Pêcheux (1988, p. 56), Frege comprehende que “se as representações estão ligadas ao sujeito, isso ocorre na medida em que ele é seu *portador*, o que sugere que essas representações não poderiam encontrar no sujeito uma origem qualquer”.

Apesar desse avanço de Frege, de entender o sujeito como portador das representações, Pêcheux identifica um limite no logicismo fregeano, pois quando Frege tenta unificar ciência, moral e religião sob princípios lógicos, cai no idealismo, uma vez que não comprehende que as ciências são também produções históricas, já que o conhecimento científico possui determinações inscritas nas relações sócio-históricas.

Para Pêcheux, manifesta-se, ao mesmo tempo, em Frege: um ponto cego do idealismo (onde ele é materialista) e um ponto cego do materialismo (onde ele é idealista), pois a reflexão desse lógico-matemático, embora avançada, acaba por encobrir o real histórico

e ideológico. Assim, apesar de sua importante contribuição para os estudos da linguagem (filosofia da linguagem), separando o sujeito e o pensamento, linguagem e mundo, Frege acaba ainda deslizando pelo idealismo.

Pêcheux realiza essa crítica a partir da análise das sentenças relativas explicativas e determinativas (como as usadas por Frege) e demonstra como a língua é capaz de produzir efeitos de evidência, como se o referente estivesse simplesmente “dado no mundo”. Ao analisar as relativas explicativas e determinativas (tomando a língua como base sobre a qual se produzem os processos discursivos diferenciados), Pêcheux, em sua crítica, mostra como a articulação sintática mobiliza saberes anteriores (já-ditos) em que o sujeito se identifica com determinadas posições ideológicas. Isso favorece o efeito de ilusão de autonomia do sujeito (eu vejo o que vejo), pois “a identificação do sujeito, sua capacidade para dizer ‘eu, Fulano de tal’, é aqui fornecida como uma evidência primordial: é ‘evidente’ que somente eu poderia dizer ‘eu’ ao falar de *mim mesmo*” (Pêcheux, 1988, p. 101).

Pêcheux aprofunda essa questão ao retomar o funcionamento da interpelação ideológica como desenvolvida por Althusser: “O ideológico, enquanto ‘representação’ imaginária, está, por essa razão, necessariamente subordinado às forças materiais ‘que dirigem os homens’ (as ideologias práticas, segundo a terminologia de Althusser), reescrevendo-se nelas” (Pêcheux, 1988, p. 73). Para Pêcheux, as evidências de sentido e de sujeito são efeitos discursivo-ideológicos sustentados por pré-construídos.

Nesse ponto, Pêcheux desloca a noção de “pressuposição” estudada por Frege para a noção discursiva de pré-construído (Henry, 1992); esta é marcada pela anterioridade e exterioridade dos sentidos⁶. Essa formulação faz Pêcheux

voltar a realizar uma crítica ao idealismo que reduz a objetividade à subjetividade. É que a perspectiva idealista toma as representações como conceitos, como se estes fossem pura expressão da subjetividade, e isso encobre a concretude material da objetividade.

Pêcheux, enquanto materialista, mostra que a produção do conhecimento (conceitos) tem base em condições históricas e ideológicas. Isso acontece porque a perspectiva materialista comprehende que o conhecimento é produzido historicamente e, sobretudo, que o mundo exterior existe independentemente do sujeito. Nessa perspectiva materialista, o pensamento depende do real e não o contrário. Ou seja, há uma primazia do real sobre o pensamento.

Segundo Silva Sobrinho (2018b, p. 16):

Desse modo, a distinção entre representação interior e mundo exterior [produzida por Frege] agrada a Pêcheux, pois há, neste ponto, o reconhecimento da existência de algo independente dos sujeitos e exterior a esses sujeitos, saibam eles ou não. É uma tomada de posição pelo materialismo que Pêcheux assume.

A associação entre pensamentos/representação (em Frege atribuída à psicologia) é reinterpretada por Pêcheux como efeito do imaginário e da ideologia. Lembremos que Pêcheux toma o exemplo do próprio Frege para aprofundar a discussão sobre questões linguísticas e ideológicas como a expressão “a vontade do povo”. Para Maldidier (2003, p. 48): “A questão de Frege sobre a denotação da expressão a ‘vontade do povo’ faz parte dessas questões obsidianas que estimulam a reflexão de Michel Pêcheux. Uma questão que conjuga nele o amor à língua e à política”.

Tal enunciado, ideologicamente, a depender de sua interpretação, funciona como

dente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático” (Pêcheux, 1988, p. 99).

6 Para Pêcheux o efeito do pré-construído funciona como “uma construção anterior, exterior, mas sempre indepen-

uma “ficcção linguística” inscrita na lógica idealista, e consequentemente faz reproduzir a visão burguesa da política como jogo ou opinião individual. Pêcheux explica que é preciso compreender esses tipos de enunciados como efeitos materiais da ideologia funcionando na linguagem e no pensamento.

Em nosso entendimento, Pêcheux retoma Frege para desestabilizar o idealismo na linguística e na filosofia da linguagem, pois, “na verdade, todo ‘conteúdo de pensamento’ existe na linguagem, sob a forma do *discurso*” (Pêcheux, 1988, p. 99). E, por isso, propõe uma teoria não subjetivista da subjetividade, baseada na tríplice aliança entre materialismo histórico, linguística e, mais à frente, na psicanálise, no que esta tem de materialismo.

A AD e a psicanálise se encontram na Teoria Materialista do Discurso, na crítica ao sujeito soberano e no entendimento de que o funcionamento da linguagem e a constituição do sujeito não são transparentes, pois envolvem processos opacos, históricos e ideológicos. Vale lembrar como Pêcheux convoca a Psicanálise ainda na introdução de “Semântica e Discurso”: “[...] certos aspectos do trabalho de J. Lacan – na medida em que ele explicita e aprofunda o materialismo de Freud – virão se agrupar ao que, como dissemos, constitui aqui o elemento essencial, a saber, as direções abertas por Althusser [...]” (Pêcheux, 1988, p. 32).

Ou seja, em “Semântica e Discurso”, Pêcheux, além da linguística e do materialismo histórico e dialético, também mobiliza a psicanálise, especialmente a partir de Freud e Lacan, fazendo uma leitura materialista para romper com a concepção de um sujeito transparente e totalmente consciente, pois Pêcheux considera, em acordo com a psicanálise, que o pensamento é inconsciente, que o inconsciente é o discurso do Outro e que todo discurso é ocultação do inconsciente (Pêcheux, 1988, p. 175).

Segundo Pêcheux (1988, p. 133):

[...] podemos discernir de que modo o *recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico* estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar *como o processo do significante na interpelação e na identificação*, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção.

Em outras palavras, o inconsciente é articulado como parte da materialidade significante e, ao mesmo tempo, articulado à ideologia (em seu caráter material). Esta imbricação contraditória determina o discurso e produz equívocos, lapsos, efeitos metafóricos e deslocamentos. Contudo, pedimos desculpa ao(à) leitor(a), pois não aprofundaremos a relação entre materialismo histórico e psicanálise por falta de espaço neste artigo⁷.

O materialismo leninista em “Semântica e Discurso”

8

“A relação pela qual a ‘realidade’ se torna dependente do ‘pensamento’ é justamente a marca do idealismo, tal como o descreve Lênin em *Materialismo e Empiriocriticismo*, e para o qual se apaga a distinção entre pensar e imaginar” (Pêcheux, 1988, p. 170).

Não se pode negar que o livro “Semântica e Discurso” traz em sua formulação contribuições teórica e política dos escritos de Lênin na perspectiva do materialismo histórico-

7 Nessa direção, sugerimos ao(à) leitor(a) o estudo de Baldini (2014). Este autor examina o papel da Psicanálise lacaniana na constituição da Análise do Discurso de Pêcheux. Recomendamos igualmente o texto de Magalhães e Mariani (2010), que discute a constituição do sujeito a partir da articulação entre ideologia, inconsciente e discurso, integrando materialismo histórico, psicanálise lacaniana e Análise do Discurso.

8 Para um aprofundamento maior sobre o tema, sugerimos a leitura do artigo de Silva Sobrinho (2023).

dialético que, a nosso ver, fundamentam a formulação da Teoria Materialista do Discurso. Segundo Zandwais (2009, p. 33): “É, pois, em *Semântica e Discurso* que Pêcheux aproxima-se e assume, de modo concreto, sua ótica marxista-leninista”. Isso não significa que Pêcheux deva ser “classificado” como marxista-leninista, mas é preciso destacar que este professor-filósofo-cientista-militante foi um leitor atento de Lênin, cujas reflexões filosóficas, políticas e metodológicas influenciaram decisivamente na construção da Análise do Discurso de orientação materialista, especialmente no que diz respeito à ciência, à ideologia, aos processos discursivos e à prática política revolucionária do proletariado.

Em um estudo anterior, consideramos (Silva Sobrinho, 2023, p. 417)

[...] que é, sobretudo, em *Semântica e Discurso* que Lênin aparece de modo mais constante. O confronto de Lênin com o idealismo e a sua tomada de posição pelo materialismo histórico e dialético afetam fortemente Pêcheux e o inspiram a fazer avançar a Teoria materialista do discurso a partir da crítica ao idealismo em Linguística e em Filosofia da linguagem, principalmente no que tange à combinação entre Lógica e Retórica na constituição da Semântica. A leitura atenta da obra de Lênin realizada por Pêcheux sustenta a crítica às concepções de língua e história, ideologia e ciência. A nosso ver, “Semântica e Discurso”, além de ser a obra mais completa e profunda de Pêcheux, é, fundamentalmente, uma tomada de posição pelo materialismo histórico e dialético para fazer avançar a Análise do Discurso, como cavalo de Troia nas ciências humanas e sociais.

Pêcheux mobiliza o marxismo-leninismo, seja de forma explícita (em referências bibliográficas), seja incorporando conceitos, metáforas de problemas levantados pelos marxista-leninistas, especialmente a partir do livro “Materialismo e Empiriocriticismo”, de Lênin. Consideramos que essa obra é central, pois da leitura deste livro Pêcheux apresenta os principais argumentos de Lênin⁹ na crítica ao idealismo da filosofia empiriocriticista¹⁰

9 Cf. Lénine (1975).

10 “Em ‘Materialismo e Empiriocriticismo’, publicado em 1909, Lênin identifica que havia certa influência no mo-

e retoma a defesa do primado do real em seu caráter material sobre a produção da consciência (pensamento); pois, para o materialismo filosófico, a matéria existe fora de nossa consciência. Nessa direção, reafirma que toda teoria envolve uma tomada de posição, seja ela pelo materialismo ou pelo idealismo. Por fim, Pêcheux, fundamentado em Lênin, dá ênfase à prática (práxis) como critério da verdade, demonstrando a ligação entre ciência e política.

As teses materialistas que Pêcheux expõe, fundamentadas em Lênin e em Engels, são as seguintes:

- a) o mundo “exterior” material existe (objeto real, concreto real);
- b) o conhecimento objetivo desse mundo é produzido no desenvolvimento histórico das disciplinas científicas (objeto de conhecimento, concreto de pensamento, conceito);
- c) o conhecimento objetivo é independente do sujeito (Pêcheux, 1988, p. 74).

Podemos sintetizar essas teses afirmando que Lênin distingue de forma decisiva materialismo e idealismo a partir da distinção entre o ser e a consciência (pensamento). Para o materialismo, o mundo objetivo existe primeiro e de modo independente, determinando a consciência como seu reflexo; em outras palavras, o pensamento é uma forma particular do real, é efeito das condições materiais e, por isso, se manifesta no movimento de desigualdade-contradição-subordinação que deriva das condições de produção. Já para o idealismo, ocorre o inverso: a consciência é colocada em primeiro plano e passa a criar e organizar o mundo a partir das sensações, percepções, ideias,

vimento operário russo de determinados teóricos que, da posição idealista subjetivista em filosofia, deturpavam e negavam o materialismo histórico e dialético e, por conseguinte, difundiam ideias burguesas contrárias à prática revolucionária do proletariado” (Silva Sobrinho, 2023, p. 418).

enfim, da subjetividade (subjetivismo). Assim, enquanto o materialismo afirma a primazia do real sobre o pensamento, o idealismo atribui ao espírito (consciência) o papel de origem do conhecimento e do próprio mundo.

Esta compreensão de Pêcheux, inspirada em Lênin, tem raízes na proposição de Marx (1996, p. 52) quando este afirma que: “O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”.

Com esses fundamentos, Pêcheux vê a Semântica como lugar privilegiado das contradições entre idealismo e materialismo em Linguística, e toma posição explícita pelo materialismo histórico e dialético, articulando a língua com a história e a ideologia, bem como realizando uma crítica à visão subjetivista do sentido. Isso permite compreender o discurso como prática material, e o sujeito produzido nas e pelas práticas históricas.

Lembremos que Pêcheux, ao iniciar “Semântica e Discurso”, coloca o(a) leitor(a) diante de um debate em que a Semântica aparece como ponto de tensão (ponto nodal/de contradição) dentro da linguística, pois suas bases, ancoradas na lógica, na retórica e em tradições filosóficas idealistas, sustentam evidências (separando língua, história, sujeito falante) que naturalizam a existência do sujeito e da produção de sentido. Para se desvincilar dessas evidências (espontâneas), Pêcheux insere essa discussão num quadro histórico mais amplo, marcado pela crise imperialista, pelas rupturas do movimento comunista internacional e, sobretudo, pelas contradições da Revolução Russa e pelos desvios stalinistas, que recolocavam em cena questões fundamentais sobre o Estado, o sistema capitalista, a revolução socialista, o funcionamento da ideologia e a produção do conhecimento científico.

Nesse contexto, o autor mostra que também na Semântica o que estava em disputa era a reflexão sobre a produção dos sentidos e a constituição dos sujeitos, o que tornava imprescindível a formulação de uma Teoria Materialista do Discurso capaz de enfrentar tais contradições. Nessa direção, Pêcheux assume tarefas fundamentais (de inspiração marxista-leninista) na introdução do livro “Semântica e Discurso”, a saber: analisar a produção dos conhecimentos científicos e compreender a prática política revolucionária do proletariado.

Em síntese, Pêcheux, fundamentado em Lênin, considera que o real existe independentemente do pensamento; que o conhecimento é produto histórico; que a objetividade científica implica uma tomada de posição materialista; que o discurso não nasce no indivíduo, mas nas condições ideológicas e históricas de uma determinada formação social, ou seja, em condições de reprodução/transformação das relações de produção.

Podemos dizer então que há, pois, em AD uma articulação entre a ciência das formações sociais (materialismo histórico), a luta de classes e os processos discursivos. Melhor dizendo, há, em “Semântica e Discurso”, uma forte articulação entre discurso, ciência e política, pois estes são compreendidos como inseparáveis.

Pêcheux, leitor materialista de Althusser¹¹

“Como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra ‘designe uma coisa’ ou ‘possua um significado’ (portanto inclusive as evidências da transparência da linguagem), a evidência de que vocês e eu somos sujeitos – e até aí não há problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar” (Althusser apud Pêcheux, 1988, p. 31).

¹¹ Para aprofundar a discussão aqui apresentada, indicamos o texto de Silva Sobrinho (2017).

Sabemos que o pensamento de Louis Althusser (1985) foi de suma importância teórica e política para compreender mais a fundo a sociedade capitalista e, sobretudo, para sustentar uma abordagem materialista das relações sociais, da ideologia e das lutas de classes. Assim, podemos considerar que a AD de Pêcheux é herdeira crítica da teoria althusseriana, produzindo sua versão discursiva da ideologia e do sujeito.

Conforme Maldidier (2003, p. 49):

Michel Pêcheux propõe uma leitura luminosa do artigo “Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado”. Ele marca claramente a ancoragem de seu projeto na tese althusseriana da interpelação que, diz ele, “abre diretamente a problemática de uma teoria materialista das condições ideológicas de reprodução/transformulação das relações de produção”. A leitura que Michel Pêcheux fazia do famoso texto de Althusser era original e marcava uma intuição teórica muito fina. Acrescentando a palavra “transformação” na fórmula consagrada utilizada por Althusser sobre a reprodução das relações de produção, ele tentava desmanchar as interpretações funcionalistas que o texto althusseriano não parava de suscitar. Essa questão, que é também a da contradição, ia estar logo no centro de sua reflexão.

Pêcheux, enquanto leitor crítico de Althusser, acrescenta à noção de reprodução a palavra “transformação” e passa a trabalhar no “Semântica e Discurso” com o funcionamento das condições ideológicas de **reprodução/transformação** das relações de produção¹². Ele formula uma teoria discursiva que mantém a luta de classes como elemento incontornável e considera a noção de ideologia nos mecanismos de produção de sentidos e na constituição dos sujeitos. Essa compreensão desmonta leituras idealistas do discurso, do sujeito, da sociedade e da ciência, visto que o processo de reprodução/transformação restitui a centralidade da luta de classes e permite compreender a ideologia como prática material, possibilitando, de modo firme,

12 Ver subtítulo do capítulo “Discurso e Ideologia(s)”: “Sobre as condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção” (Pêcheux, 1988, p. 143).

articular teoria e política.

Pêcheux é tratado como althusseriano engajado na aventura da linguagem, e a relação entre ambos é vista como um ponto de diálogo, de crítica, de superação e não de submissão. Isso porque Pêcheux realiza uma leitura cuidadosa da teoria althusseriana da ideologia, destacando as teses fundamentais, que podemos apresentar aqui em forma de síntese: a) só há prática através de e sob uma ideologia; b) só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos; c) a Ideologia tem existência material, nas práticas dos aparelhos¹³; d) a Ideologia interpela os indivíduos como sujeitos; e) a Ideologia é “eterna” enquanto forma estrutural e de funcionamento das/nas formações sociais.

Essas formulações são mostradas como diretamente conectadas ao projeto teórico-político da Teoria Materialista do Discurso, que incorpora: a materialidade da ideologia, a interpelação como mecanismo constitutivo do sujeito do discurso, o funcionamento da opacidade (produção de evidência) de sentidos e o princípio de que não há sujeito exterior à ideologia.

Podemos dizer ainda que a formulação althusseriana de que a ideologia tem existência material e funciona por meio dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) é decisiva para Pêcheux.

[...] as formas que a “relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” toma não são homogêneas precisamente porque tais “condições reais de existência” são “distribuídas” pelas relações de produção econômicas, com os diferentes tipos de

13 É preciso ressaltar que os AIE não são puros instrumentos da classe dominante; segundo Pêcheux, fundamentado em Althusser, eles são palco de luta de classes: “O que significa que os aparelhos ideológicos de Estado constituem, simultaneamente e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção (isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista). De onde a expressão ‘reprodução/transformação’ que empregamos” (Pêcheux, 1988, p. 145).

contradições políticas e ideológicas resultantes dessas relações. (Pêcheux, 1988, p. 77).

no idealismo.

Segundo Pêcheux (1988, p. 160):

Com esses fundamentos, Pêcheux concebe o discurso como espaço de funcionamento ideológico e como lugar de disputa nas relações econômicas entre posições de classe. Isso faz Pêcheux adotar a tese de Althusser de que o sujeito não é origem, mas efeito da interpelação ideológica. Esse também é o núcleo que permite a ele romper com visões idealistas da linguagem e formular a noção de forma-sujeito (forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais). Ele considera que “a ‘evidência’ da identidade oculta que esta resulta de uma identificação-interpelação do sujeito, cuja origem estranha é, contudo, ‘estranhamente familiar’” (Pêcheux, 1988, p. 155).

Podemos ver que há um retorno, neste diálogo com Althusser sobre a relação entre ideologia e inconsciente, entre materialismo histórico e psicanálise, pois no processo de interpelação também se dá o processo do significante, rede de significantes (Lacan), no qual “o sujeito é ‘preso’ nessa rede – ‘nomes comuns’ e ‘nomes próprios’, efeito de *shifting*, construções sintáticas etc. – de modo que o sujeito resulta dessa rede como ‘causa de si’ no sentido espinoso da expressão” (Pêcheux, 1988, p. 156). Ou seja, o sujeito se constitui nas redes de significantes e, sob a consequência do efeito *münchhausen*¹⁴, isso é apagado, pois o sujeito aparece como se fosse causa de si e fonte do sentido. Em outras palavras, de modo aparentemente espontâneo, o sujeito do discurso aparece como sendo a origem do sujeito do discurso. Manter a compreensão de que o sujeito seria a “origem/fonte”, conforme adverte Pêcheux, constitui uma forma de recaída

Desse modo, é a ideologia que, através do “habito” e do “uso”, está designando, ao mesmo tempo, *o que é* e *o que deve ser*, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada do jogo”. É a ideologia que fornece as evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados.

Cabe ressaltar que, para Althusser (1985), não há reprodução social sem luta e que o conflito e a luta de classes atravessam os aparelhos ideológicos e repressivos de Estado. Esse ponto pode ser lido à luz de Pêcheux: a ideologia funciona, mas falha; o ritual se quebra; há brechas, resistências, deslocamentos. E isso coloca novos desafios para pensar a linguagem, o sujeito, a ideologia, a história e a prática científica e política.

A aproximação entre Pêcheux e Althusser constitui, assim, um eixo potente de resistência ao apagamento da luta de classes na Teoria Materialista do Discurso, pois reconhece a materialidade da linguagem e do sujeito no capitalismo contemporâneo e problematiza tanto a evidência do sentido quanto o efeito de evidência do próprio sujeito. Nessa perspectiva, o sentido não é transparente e o sujeito não se coloca como origem, mas como descentrado, produzindo-se enquanto efeito das condições históricas que o atravessam. Em outras palavras, tanto sujeitos quanto sentidos são historicamente determinados. Afirmar tal determinação é tomar posição firme numa perspectiva materialista.

14 “A evidência diz: as palavras têm um sentido porque têm um sentido, e os sujeitos são sujeitos porque são sujeitos: mas, sob essa evidência, há o absurdo de um *círculo* pelo qual a gente parece subir aos ares se puxando pelos próprios cabelos” (Pêcheux, 1988, p. 31).

Pêcheux: do combate ao idealismo à afirmação do materialismo¹⁵

“Em outros termos, a proposição materialista ‘a matéria é independente do espírito’ não poderia ser convertida em ‘o espírito é independente da matéria’ sem abalar as próprias bases do materialismo” (Pêcheux, 1988, p. 76).

Como vimos, Pêcheux empreende uma crítica decisiva à perspectiva do idealismo presente na linguística e na filosofia da linguagem, recuperando o que há de materialista em Frege e convocando Lênin, sustentado pelos fundamentos de Marx, Engels e Althusser, para firmar uma posição materialista no interior da linguística. Nessa direção, Pêcheux insiste na tese da independência do real em relação ao sujeito, recusando qualquer primazia da consciência. Nas palavras do próprio autor (1988, p. 255): “Tese 1: o real existe, necessariamente, independente do pensamento e fora dele, mas o pensamento depende, necessariamente, do real, isto é, não existe fora do real”.

Em “Semântica e Discurso”, Pêcheux nos convoca a encarar um problema que atravessa, muitas vezes de modo silencioso, tanto a linguística quanto as ciências humanas, a saber: a permanência do idealismo como lógica dominante do pensamento sobre a linguagem. Para ele, o idealismo não é apenas uma posição filosófica abstrata, mas um modo “espontâneo” de funcionamento discursivo que insiste em colocar o sujeito como ponto de partida, ou seja, como transparente, consciente e fonte/origem dos sentidos que produz.

Essa crença espontânea (ideológica) faz com que o pensamento (materializado na linguagem) pareça criar o objeto no mundo (o referente), apagando a distinção entre o que é da ordem da realidade e o que é da ordem

15 Os(as) leitores(as) interessados(as) poderão aprofundar sua crítica consultando os textos de Silva Sobrinho (2018b; 2019).

da representação. Essa confusão faz com que se produza a naturalização do sentido e o apagamento das determinações históricas e ideológicas, levando a uma “sensação” de neutralidade científica.

O materialismo, ao contrário, desloca radicalmente essa perspectiva, pois “as modalidades histórico-materiais sob as quais ‘o real determina as formas de existência do pensamento’ são, elas mesmas, determinadas pelo conjunto das relações econômicas, políticas e ideológicas [...], isto é, tal como a luta de classes, que as atravessa sob diversas formas, as organiza” (Pêcheux, 1988, p. 256). Portanto, assumir uma posição materialista não é simplesmente optar por um lado em um debate filosófico, mas reconhecer que o sentido não nasce do sujeito, e sim das condições materiais de produção/reprodução/transformação que o constituem e que o sujeito não se constitui de modo espontâneo, mas nas práticas históricas.

Portanto, a linguagem não é uma expressão pura da consciência, mas uma prática material inscrita na história, nas relações de força e na luta de classes de uma determinada formação social. Isso significa que, antes de interpretar o que um enunciado “quer dizer”, é preciso compreender o que permite que ele seja dito, por quem e em qual conjuntura. É fundamental buscar pelo seu caráter material¹⁶.

Compreender o caráter material do sentido e do sujeito exige analisar as formações sociais, os modos de produção, as formações discursivas e ideológicas, bem como, as condições de produção e o papel das classes sociais no processo de significação. A AD, inscrita na perspectiva materialista, torna-se capaz de compreender como os discursos reproduzem ou contestam a ordem capitalista, defendendo a necessidade de manter o foco na luta de classes para evitar que a teoria se esvazie de seu potencial transformador.

16 Ver Pêcheux (1988) e Silva Sobrinho (2019).

A nosso ver, a crítica de Pêcheux é certeira: o idealismo, mesmo quando dissimulado enquanto empirismo linguístico ou logicismo formal, funciona como um obstáculo epistemológico e político, pois oferece soluções já prontas, e ainda pior, simula rigor científico e mascara sua própria implicação ideológica. Por sua vez, o materialismo recoloca a opacidade do discurso e do sujeito, uma vez que toma as condições de produção como determinantes e comprehende que a prática científica também se inscreve em disputas ideológicas.

Podemos dizer junto com Pêcheux (1988, p. 162) que:

Compreende-se melhor, agora, de que modo o que chamamos “domínios de pensamento” se constitui sócio-históricamente sob a forma de pontos de estabilização que produzem o sujeito, *com*, simultaneamente, aquilo que lhe é dado ver, compreender, fazer, temer, esperar, etc. É por essa via, como veremos, que todo sujeito se “reconhece” a si mesmo (em si mesmo e em outros sujeitos) e aí se acha a *condição* (e não o *efeito*) do famoso “consenso” intersubjetivo por meio do qual o idealismo pretende compreender o ser a partir do pensamento.

Assim, quando Pêcheux traz o materialismo para restaurar a compreensão da materialidade do discurso, ou melhor, para problematizar o caráter material do sentido e do sujeito, ele está contestando o próprio coração do idealismo, isto é, a crença de que o sujeito é origem do sentido. Pêcheux problematiza o pensamento enquanto determinação da objetividade material (ou seja, do interdiscurso enquanto o todo complexo com dominante das formações discursivas e ideológicas). A análise materialista mostra que o sujeito é efeito, e não fundamento; que o sentido é produto, é práxis e possui historicidade, e não essência; e que a linguagem é um espaço privilegiado onde se decide, a cada discurso, o modo como a ideologia se atualiza e se transforma na dinâmica da sociabilidade humana.

Vale ressaltar, na direção da perspectiva materialista que não estamos trabalhando com o materialismo mecanicista, mas com o materialismo histórico e dialético. Segundo Engels (1890), na carta endereçada a Joseph Bloch:

De acordo com a concepção materialista da história, o elemento determinante final na história é a produção e reprodução da vida real. Mais do que isso, nem eu nem Marx jamais afirmamos. Assim, se alguém distorce isso afirmando que o fator econômico é o único determinante, ele transforma esta proposição em algo abstrato, sem sentido e em uma frase vazia. As condições econômicas são a infraestrutura, a base, mas vários outros vetores da superestrutura (formas políticas da luta de classes e seus resultados, a saber, constituições estabelecidas pela classe vitoriosa após a batalha, etc., formas jurídicas e mesmo os reflexos destas lutas nas cabeças dos participantes, como teorias políticas, jurídicas ou filosóficas, concepções religiosas e seus posteriores desenvolvimentos em sistemas de dogmas) também exercitam sua influência no curso das lutas históricas e, em muitos casos, preponderam na determinação de sua forma (Engels, 1890, p. 1).

Portanto, à luz do materialismo de Marx e Engels (1998), ao afirmarem que o ser social determina a consciência, podemos sustentar que, para a Análise do Discurso, os sentidos e os sujeitos não constituem “dados” naturais, mas produções históricas inscritas nas condições materiais (concretas) de existência. Em outras palavras, as relações sociais são também relações de sentidos. Nessa perspectiva, considerando a atualidade histórica, o discurso é efeito das relações sociais e ideológicas que se engendram no antagonismo entre capital e trabalho, manifestando-se, simultaneamente, como expressão dessas contradições e como prática que nelas intervém em sua relativa autonomia, e não como prática mecânica. Trata-se, aqui, de “determinação histórica”, e não de “determinismo”.

Portanto, a oposição entre idealismo e materialismo em “Semântica e Discurso” não é apenas de ordem teórica, mas constitui, sobretudo, uma tomada de posição política; ou, ainda, uma questão de ética e responsabilidade.

Trata-se de optar entre uma perspectiva teórico-idealista que naturaliza a ordem social e o *status quo*, com todas as consequências que disso decorrem, e uma perspectiva materialista que evidencia a historicidade dos sentidos e dos sujeitos, abrindo espaço tanto para a compreensão crítica quanto para a possibilidade de transformação social revolucionária.

Em última análise, como nos disse Pêcheux, a forma-sujeito do capitalismo tenta separar prática científica e prática política. No entanto, é preciso lembrar que “a história da produção dos conhecimentos não está *acima* ou *separada* da história da luta de classes” (1988, p. 190). A produção do conhecimento científico e as práticas políticas não estão apartadas, pois resultam das condições de reprodução/transformação das relações de produção.

Como diz Pêcheux (1988, p. 203):

A prática teórica do materialismo histórico pressupõe e implica a prática política do proletariado, com o vínculo que as une: em suma, trata-se da formação histórica de uma *política científica*, contemporânea à formação histórica do movimento operário, e ligada, de seu interior, a um conhecimento científico da luta de classes.

Para Pêcheux, a “neutralidade” científica é um mito e a objetividade científica é indissociável de uma tomada de posição materialista¹⁷. A produção do conhecimento é para transformar, e isso se dá no processo histórico real da vida material. Por isso, só se comprehende plenamente a AD quando ancorada no materialismo histórico e nas lutas de classes. Isso significa que ao se afastar do materialismo, a Análise do Discurso tende a interpretações idealistas que abstraem o discurso de suas condições materiais. Retomar

17 Segundo Pêcheux: “A objetividade materialista do ponto de vista do proletariado se caracteriza discursivamente por tomadas de posição a favor de certas palavras, formulações, expressões etc., contra outras palavras, formulações ou expressões, exatamente como uma luta pela produção dos conhecimentos” (1988, p. 209).

Pêcheux em “Semântica e Discurso” é recolocar o discurso como prática social constituída pelas contradições do sistema capitalista.

As consequências de uma leitura ancorada no materialismo histórico e dialético residem em reconhecer que sentidos e sujeitos são produzidos pelas e nas condições materiais de existência e pela e na luta de classes (enquanto motor da história), e não pela consciência individual ou pela língua em si enquanto sistema abstrato, pois o discurso é uma prática histórica inscrita no complexo das relações de produção/reprodução/transformação das relações ideológicas e materiais de produção. Analisá-lo exige recolocar a materialidade da vida social no centro da reflexão. Sem essa perspectiva, a Análise do Discurso pode deslizar para posições idealistas e perder grande parte de seu potencial científico e político.

À guisa de conclusão: Trabalhar com o materialismo, a lição de Pêcheux

“Na verdade, não se fica nunca em dia com o materialismo histórico, ou com o materialismo dialético e, sobretudo, não se desembaraça deles —, apresentando-os por antecipação, isto é, colocando-os antes de se começar o trabalho: trabalha-se com. É o que temos procurado fazer aqui a propósito do núcleo vital da contradição linguística” (Pêcheux, 1988, p. 254).

É importante reiterar que a AD precisa vigiar permanentemente os riscos de possíveis desvios idealistas. Isso exige trabalhar com firmeza com o materialismo histórico e dialético. É preciso dizer também que mesmo tendo reconhecido falhas teóricas e proposto retificações na Teoria Materialista do Discurso, Pêcheux não abandonou o materialismo, mas o aprofundou.

A nosso ver, a Análise do Discurso, na perspectiva materialista de Michel Pêcheux, só

pode ser compreendida plenamente quando ancorada no materialismo histórico e dialético, pois o discurso é um objeto historicamente determinado, constituído, atravessado e movido pelas contradições das lutas de classes da sociedade capitalista.

Por isso, entendemos que a Análise do Discurso de Michel Pêcheux possui fundamentos teóricos, filosóficos, científicas e políticos no materialismo histórico, e essa tomada de posição permite compreender que a produção dos sentidos e a constituição dos sujeitos estão enraizadas na concretude das condições materiais de existência (forças produtivas e relações de produção) de uma conjuntura histórica determinada.

O discurso e o sujeito só podem ser compreendidos dentro do processo histórico de produção e reprodução da vida material, no qual o trabalho, as relações de classe e a ideologia desempenham papéis centrais. Os sentidos não são naturais ou universais, mas efeitos ideológicos produzidos nas formações sociais e determinados pelas posições de classes em lutas.

Como vimos, o discurso é inseparável do processo histórico material: ele expressa e, ao mesmo tempo, participa da disputa por hegemonia, naturalizando desigualdades e/ou produzindo resistências. A AD, fundada no materialismo histórico, busca justamente desnaturalizar as evidências ideológicas do capitalismo e revelar o caráter histórico (material) dos sentidos e dos sujeitos dentro das determinações sociais que o constituem.

Nessa direção não basta dizer (nomear a teoria), como se convencionou: “Análise do Discurso Materialista”; é necessário também reposicionar a Análise do Discurso no horizonte do materialismo histórico e dialético, tomando como centrais as noções de luta de classes, ideologia e relações materiais de produção.

Como vimos, Pêcheux é um pensador que articula ideologia, ciência e prática política revolucionária, por isso, sustenta que todo processo discursivo se inscreve em relações ideológicas de classe e que o sentido tem caráter material.

Isso quer dizer que o discurso só pode ser compreendido quando vinculado ao processo histórico real, isto é, ao trabalho, à produção da vida material, aos antagonismos entre capital e trabalho e ao papel dos aparelhos ideológicos e repressivos de Estado.

Ainda segundo Pêcheux:

O primado do real sobre o pensamento não está ligado, de modo algum, a puras propriedade linguísticas, mas depende de um “exterior” bem diferente, que é o conjunto dos efeitos, na “esfera da ideologia”, da luta de classes sob suas diversas formas: econômica, política e ideológica (Pêcheux, 1988, p. 258).

Analizar o discurso na atualidade implica reconhecer que os sentidos e os sujeitos emergem das condições materiais e contraditórias da sociedade capitalista com suas implicações econômicas, políticas e ideológicas. Nessa direção, a AD deve assumir sua dimensão científica e política, engajada na transformação da realidade e na resistência-revolta à dominação burguesa.

A nosso ver, revisitar Pêcheux a partir do materialismo histórico e dialético é urgente para enfrentar a crise contemporânea e manter a crítica à sociedade capitalista. Como dissemos (Silva Sobrinho, 2023, p. 420): “Tomar posição pelo idealismo ou pelo materialismo tem consequências para o conhecimento científico e para a prática política, pois intervém tanto na reprodução do *status quo* como na luta por sua superação”. Desse modo, a AD de orientação materialista exige do(da) analista de discurso assumir posição teórica e política diante das

contradições do capitalismo, mantendo viva a perspectiva transformadora e revolucionária.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de estado. Trad.: Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal. 1985.

Baldini, Lauro. A Análise de Discurso e “uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)”. *Letras*, (48), 2014, p. 117-129. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/leturas/article/view/14427> Acesso em: 20 nov. 2025.

ENGELS, Friedrich. Carta para Joseph Bloch. [1890]. In: site: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/09/22.htm>. Acesso em: 20 nov. 2025.

HENRY, Paul. A ferramenta imperfeita: língua, discurso e sujeito. Trad.: Maria Fausta de Castro. Campinas: Unicamp, 1992.

LÉNINE, Vladimir. Materialismo e Empirioceticismo: novas críticas sobre uma filosofia reaccionária. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethania. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. Linguagem em (Dis)curso 10 (2), Ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/lid/a/HjFWNBXFWy6WjXQLML3tdcs/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 20 nov. 2025.

MALDIDIER, Denise. A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas-SP: Pontes, 2003.

MARX, Karl. Para a crítica da economia política. Trad.: Edgard Malagodi. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ORLANDI, Eni. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 13^a ed. Pontes, Campinas-SP: 2020.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.: Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

SILVA SOBRINHO, Helson. Trilhar caminhos, seguir discursos: aonde isso poderá nos levar?. In: Anais do II SEAD, 2005. Disponível em: https://www.discursosead.com.br/_files/d/27fcd2_3f5896a3528e47b6b8218e3effbc493b.pdf. Acesso em: 20 nov. 2025.

SILVA SOBRINHO, Helson. Michel Pêcheux e a crítica ao capitalismo: “é preciso ousar se revoltar”. In: GRIGOETTO, E.; DE NARDI, F. (org.). A Análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas. Campinas-SP: Pontes, 2016. p. 89-103.

SILVA SOBRINHO, Helson. Althusser e a luta de classes: um elo teórico e político decisivo. In: ABRAHÃO E SOUSA, L.; GARCIA, D. (org.). Ler Althusser hoje. São Carlos: EdUFScar, 2017. p. 31-52.

SILVA SOBRINHO, Helson. Os (des)arranjos das lutas entre posições idealistas e materialistas na Análise do Discurso. In: BALDINI, L.; BARBOSA FILHO, F. Análise de discurso e materialismos: prática política e materialidades. Vol. 2. Campinas-SP: Pontes, 2018a. p. 59-84.

SILVA SOBRINHO, Helson. Pêcheux diante da lógica fregeana: apontamentos sobre a relação entre objetividade e subjetividade. Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos. Nº 42, 2018b. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao42/edicao42.pdf#page=11> Acesso em: 20 nov. 2025.

SILVA SOBRINHO, Helson. O caráter material do sentido e as classes sociais: uma questão para a Análise do Discurso. *Polifonia*, [S. l.], v. 26, n. 43, p. 130-150, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8307>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SILVA SOBRINHO, Helson. Pêcheux e Lênin: um encontro com o Materialismo Histórico-dialético. *Revista Leitura*, [S. l.], v. 1, n. 76, p. 413-431, 2023. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/15638>. Acesso em: 20 nov. 2025.

ZANDWAIS, Ana. Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

Submissão: dezembro de 2025

Aceite: dezembro de 2025.